



TINTA  
SANGUE  
IRMÃ  
ESCRIBA

*Nem todos os livros*

*devem ser abertos*

EMMA TÖRZS



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

EMMA TÖRZS

TINTA  
SANGUE  
IRMÃ  
ESCRIBA

*Nem todos os livros devem ser abertos*



Planeta minotauro



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Emma Törzs, 2023  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Copyright da tradução © Isadora Prospero, 2024  
Título original: *Ink Blood Sister Scribe: a novel*  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Ligia Alves  
*Revisão:* Renato Ritto e Caroline Silva  
*Diagramação e projeto gráfico:* Matheus Nagao  
*Capa:* Jim Tierney  
*Imagens de miolo:* Photographs of British Algae, de Anna Atkins, do acervo da Biblioteca Pública de Nova York  
*Adaptação de capa:* Fabio Oliveira  
*Imagem de capa:* Crispijn van de Passe/Rijksmuseum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

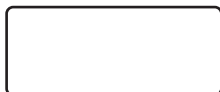
Törzs, Emma  
Tinta sangue irmã escriba / Emma Törzs ; tradução de Isadora Prospero. –  
São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.  
432 p. : il.  
ISBN 978-85-422-2683-6  
Título original: Ink Blood Sister Scribe: a novel

1. Literatura norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Prospero,  
Isadora

24-1441

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:  
1. Literatura norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando  
o manejo responsável das florestas do mundo

2024  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

## **Acreditamos nos livros**

Este livro foi composto em  
Dupinzel VF e Gryphius MVB  
e impresso pela Geográfica  
para a Editora Planeta do  
Brasil em abril de 2024.



**E**sther não conseguia superar o azul do céu ensolarado. Era um azul em diferentes tons, quase branco onde se encontrava com o horizonte coberto de neve, mas que escurecia conforme o olhar de Esther o seguia para cima: de azul-turquesa para cerúleo para um azul-celeste calmo e luminoso. Abaixo dele, o gelo antártico era ofuscantemente claro, e as esparsas construções externas que Esther podia ver da sua janela estreita no dormitório projetavam faixas de sombra índigo nos rastros de pneu brancos na estrada. Tudo reluzia. Eram oito da noite e não estava nem um pouquinho mais escuro do que às oito da manhã.

— Licença — pediu Pearl, dando um empurrãozinho nela com o quadril para encaixar um pedaço de papelão cortado no tamanho exato da moldura da janela. Esther caiu de costas na cama desarrumada e se apoiou nos cotovelos, observando Pearl se inclinar sobre a mesinha abarrotada para alcançar o vidro.

— Se você tivesse me contado há duas semanas que eu iria bloquear o sol assim que ele nascesse, eu iria rir tanto que você teria ido embora da estação — disse Esther.

Pearl rasgou a fita adesiva com os dentes.

— Bem, há duas semanas você dormia a noite toda. Nunca diga que a escuridão não te ajudou. — Ela colou o último pedaço e acrescentou: — Ou que eu não te ajudei.

— Obrigada, escuridão, e obrigada, Pearl — retrucou Esther.

Embora de fato estivesse dormindo mal desde que o sol reaparecera após seis meses de inverno, ainda era meio desanimador ver a luz e as

montanhas distantes desaparecerem, mergulhando-a de volta na realidade do seu quarto, que era quase uma cela: a cama com os lençóis roxos amarratados, iluminada por uma lâmpada triste no teto, o piso de ladrilhos arranhados e a mesa de compensado com pilhas de folhas espalhadas, a maioria com anotações sobre o romance mexicano que Esther estava traduzindo por diversão. O livro em si estava em cima da sua cômoda, seguramente fora do alcance da coleção de copos de água meio cheios que deixavam anéis nas folhas de caderno.

Pearl sentou-se do outro lado de Esther ao pé da cama e perguntou: — Então. Preparada para enfrentar as massas imundas?

No inverno anterior, Esther e Pearl tinham sido duas de apenas trinta outras pessoas que tinham mantido a pequena estação no Polo Sul funcionando, mas novembro anunciara a chegada da temporada de verão, e, nos últimos dias, pequenos aviões de carga barulhentos tinham despejado quase cem pessoas novas nos corredores da estação. Agora, cientistas e astrônomos enchiam os dormitórios, o refeitório, a academia e as salas de trabalho nos andares superiores; estranhos que comiam todos os cookies feitos de madrugada e ligavam computadores que estavam em repouso havia muito tempo e faziam perguntas constantes e ansiosas sobre o horário em que o satélite da internet se conectava com a estação.

Esther tinha pensado que ficaria feliz em ver todos os rostos novos. Sempre fora naturalmente extrovertida, não a típica candidata a ficar presa no gelo em uma estação de pesquisa que se parecia muito com a pequena escola rural em que cursara o ensino médio. Ela tinha morado em Minneapolis por um ano antes de se mudar para a Antártica, e seus amigos de lá haviam reagido com verdadeiro horror quando ela contou que aceitara um emprego na estação polar como eletricista para a temporada de inverno. Todo mundo conhecia alguém que conhecia alguém que tinha tentado, odiado a experiência e voltado mais cedo para casa a fim de fugir do isolamento esmagador. Mas Esther não se preocupava.

Ela imaginara que a Antártica não podia ser muito pior que as condições isoladas e extremas nas quais crescera. O dinheiro era bom, seria uma

aventura e – mais importante – o lugar seria completamente inacessível à maioria das outras pessoas no planeta.

Em algum momento durante o longo inverno, porém, a extroversão de Esther começara a atrofiar e, junto com ela, a máscara de bom humor que ela geralmente vestia toda manhã com o uniforme. Agora, ela fitou o teto, branco como as paredes brancas e os corredores brancos e seus colegas de trabalho brancos.

— Será que eu fui introvertida esse tempo todo? — perguntou ela. — Todos esses anos, estive me enganando? Os verdadeiros extrovertidos estão lá fora, tipo, eba, carne fresca, vamos farrear a noite toda, bem-vindos à Cidade da Trepada, Estados Unidos.

— Território Antártico Internacional da Trepada — corrigiu Pearl. Ela era australiana, com dupla cidadania.

— É — disse Esther. — Isso.

Pearl ficou de joelhos e rastejou sobre a cama até Esther.

— Eu imagino — disse ela — que seis meses de celibato indesejado mais um avião cheio de rostos novos poderia transformar qualquer um numa pessoa extrovertida.

— Hmm — ponderou Esther. — Então você está dizendo que eu me tornei introvertida só pelo poder do...

— Meu corpo incrível, sim, óbvio. — Os lábios de Pearl estavam agora subindo pela concha sensível da orelha de Esther.

Esther ergueu uma mão e agarrou um punhado do cabelo loiro de Pearl, que de algum jeito sempre parecia dourado pelo sol, apesar da total falta de sol. *Australianos*. Tão infatigavelmente praianos e sempre no clima. Ela entrelaçou os dedos naqueles fios emaranhados e puxou Pearl para um beijo, sentindo o sorriso dela contra a boca quando a trouxe mais para perto.

Na última década, desde que fizera dezoito anos, Esther tinha se mudado todo mês de novembro – de cidade, estado, país. Conhecera amigos e amantes com facilidade, coletando-os como outras pessoas pegavam delivery de comida e consumindo-os com a mesma rapidez. Todo mundo gostava dela, e, como muitas pessoas benquistas, ela se preocupava que, se

as pessoas *realmente* a conhecessem, se conseguissem penetrar seu escudo refletor de simpatia, não gostariam nadinha dela, na verdade. Essa era a vantagem de nunca permanecer em um lugar.

A outra, imensamente mais importante, era não ser encontrada.

Ela enfiou uma mão sob a bainha do suéter de Pearl, os dedos encontrando a curva suave da cintura da outra enquanto Pearl encaixava uma das pernas longas entre as suas próprias coxas. Porém, mesmo enquanto movia os quadris com o instinto de buscar fricção, as velhas palavras do pai começaram a ecoar em sua cabeça contra sua vontade – um balde de água fria jogado no seu subconsciente.

— Dia 2 de novembro, às onze da noite, horário padrão oriental — dissera Abe no último dia em que ela o vira, dez anos antes, na casa dele em Vermont. — Onde quer que esteja, você tem que ir embora no dia 2 de novembro e continuar se movendo por vinte e quatro horas, senão as pessoas que mataram sua mãe virão atrás de você também.

A temporada de verão tinha começado oficialmente alguns dias antes: 5 de novembro. Três dias depois que Esther, de acordo com o mandato urgente do pai, já deveria estar bem longe.

Mas ela não fizera isso. Ainda estava ali.

Abe tinha morrido dois anos antes, e, pela primeira vez desde que começara a fugir, uma década antes, Esther tinha um motivo para ficar. Um motivo que era quente e sólido e no momento estava beijando seu pescoço.

Tecnicamente, Esther conhecera Pearl no aeroporto de Christchurch, em meio a um grande grupo de trabalhadores que esperavam seu voo para a Antártica. Ambas estavam bem escondidas sob as muitas camadas exigidas para embarcar no avião – gorro de lã, parca laranja enorme, luvas, botas pesadas e térmicas de borracha, óculos de proteção escuros erguidos na cabeça –, e Esther só tivera uma impressão brevíssima de olhos brilhantes e uma gargalhada alta antes que o grupo fosse levado para o avião e ela e Pearl se sentassem em pontas opostas do compartimento de carga.

Por causa de seus deveres e programações diferentes, elas só vieram a se cruzar de novo no fim do primeiro mês, quando Esther pendurou um

cartaz na academia em busca de colegas para treinar. *Boxe, Muay Thai, Jiu-Jitsu Brasileiro, MMA, Krav Maga, venha lutar!* :) :) Ela acrescentara as carinhas sorridentes para balancear a agressão da palavra “lutar”, mas imediatamente se arrependeu quando outro electricista – um cara branco alto e irritantemente de Washington que insistia que todos o chamassem de “J-Dog” – viu e começou a zoá-la por isso sem parar.

— A matadora da carinha feliz! — exclamava ele quando ela entrava na reunião de turno. Se eles se cruzavam no refeitório no almoço, ele fingia se amedrontar. — Vai me dar um golpe na cabeça com esse sorriso? — Mas a gota-d’água foi quando o cara começou a falar para todo mundo, numa voz bem alta, que era faixa preta no caratê e adoraria encontrar um parceiro de luta que levasse o esporte “a sério pra valer”.

Sinceramente, ele não deu escolha a Esther. Após uma semana disso, ele foi até ela um dia no refeitório e se plantou no seu caminho para que não conseguisse chegar à pizza, sorrindo tão largo que Esther conseguia ver seus molares.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Lutando com você! — disse ele.

— Não. — Ela abaixou a bandeja. — *Isso é lutar comigo.*

Alguns minutos depois, J-Dog estava caído e retido em um mata-leão, um dos braços preso no aperto de Esther, o outro tentando arranhar o rosto dela, suas pernas longas chutando o chão de ladrilhos em vão enquanto os espectadores riam e torciam.

— Só vou te soltar depois que você der um sorrisinho — disse ela, e ele choramingou, puxando os lábios em uma aproximação forçada do sorriso de antes.

Assim que ela o libertou, ele se ergueu com um pulo, tirando a poeira da roupa e dizendo:

— Mancada, cara, mancada!

Quando Esther se virou para sua bandeja de almoço abandonada, reprimindo um sorriso próprio e muito real, deu de cara – exceto por alguns centímetros – com Pearl. Sem as camadas do avião, Pearl era alta e rija,



uma pilha de cabelo dourado de sol presa em um coque precário que parecia correr o risco de deslizar da cabeça. Seus olhos castanhos eram tão reluzentes quanto Esther se lembrava. Ainda mais porque agora estavam reluzindo direto para Esther.

— Foi a coisa mais mágica que eu já vi — disse Pearl, apoiando uma mão esguia, com dedos longos, no braço de Esther. — Você não pensaria em dar aula, por acaso?

Pearl era terrível em autodefesa. Não tinha nenhum instinto implacável e sempre duvidava de si mesma, se defendendo dos socos e se desviando dos chutes, rindo tanto que perdia a força no aperto de Esther. Após três lições, as “sessões de treino” se tornaram sessões de amasso, e elas correram da academia para o quarto. Na primeira vez que dormiram juntas, Pearl tinha perguntado, erguendo os quadris enquanto Esther começava a puxar sua calça jeans:

— Já ficou com uma mulher?

Esther ergueu os olhos de entre as pernas dela, revoltada.

— Várias vezes! Por quê?

— Calma, Don Juan — disse Pearl, rindo. — Não estou questionando sua técnica. Você só parece meio ansiosa.

Foi aí que Esther percebeu que poderia estar encrencada. Porque não só era verdade – ela *estava* ansiosa, com um friozinho na barriga que não sentia fazia anos – como Pearl tinha notado. De algum jeito, lera isso no rosto bem treinado, ou no corpo bem treinado, de Esther. Ela não estava acostumada a lidar com pessoas vendo o que não queria que vissem, e o jeito como Pearl olhava para ela, o jeito como a *via*, era perturbador. Em resposta, ela dera seu sorriso mais confiante e reconfortante, e então mordera com muita gentileza o interior da coxa nua da outra mulher, o que fora distração suficiente para a conversa acabar por ali. Mas mesmo então, bem no começo, ela suspeitara de que seria difícil deixar Pearl.

Agora, uma temporada inteira depois, pensar nisso – em ir embora, em permanecer, no eco remanescente do alerta do pai – teve o efeito desagradável de acabar com seu bom humor. Ela rolou Pearl para o lado e

cuidadosamente encerrou o beijo, deitando-se de costas nos travesseiros, e Pearl se acomodou contra o seu ombro.

— Vou ficar tão bêbada hoje — disse Pearl.

— Antes ou depois de a gente tocar?

— Antes, depois, durante.

— Eu também — decidiu Esther.

Esther e Pearl estavam em uma banda cover de Pat Benatar que tocaria na festa naquela noite. Durante todo o longo inverno, elas ensaiaram e fizeram shows exclusivamente para as mesmas trinta e cinco pessoas já cansadas de apoiá-las, e a essa altura era como tocar flauta doce na frente de um pai ou mãe cujo orgulho não podia compensar o quanto estavam exaustos de ouvir “Hot Cross Buns”. Esther estava tão nervosa por se apresentar para novos ouvidos e olhos quanto ficaria se fosse subir no palco do Madison Square Garden.

— A gente devia beber água pra se preparar — apontou Pearl —, pra não acabar vomitando que nem os cientistas.

Ela pegou dois copos e Esther apoiou-se nos cotovelos para não derubar tudo em si enquanto bebia. Aquele era o lugar mais seco onde já estivera; cada pingo de umidade no ar congelava. Era fácil ficar desidratada.

— Você acha que os cientistas bebem tanto porque estão compensando todos os anos que passaram estudando? — perguntou Esther.

— Não — respondeu Pearl, sem hesitar. Ela trabalhava com os carpinteiros. — Os nerds são sempre doidos por uma festa. Eu ia a umas noites de fetiche em Sydney e você só via cirurgiões, engenheiros, ortodontistas. Sabia que pessoas que curtem BDSM têm QI mais alto que gente que faz sexo baunilha?

— Acho que essa não é uma hipótese testável.

Pearl deu um sorriso malandro. Ela tinha caninos incomumente afiados na boca suave, uma incongruência que fazia coisas esquisitas com o fluxo sanguíneo de Esther.

— Consegue imaginar as variáveis?

— Eu gostaria — disse Esther —, mas não agora. Precisamos ir.

Pearl conferiu o relógio de pulso e deu um pulo.

— Merda! É mesmo.

Elas estavam enfurnadas naquele quarto minúsculo desde o jantar, algumas horas antes, e Esther ergueu-se para se alongar antes de enfiar os pés com meias nas botas.

— Deus, estou tão feliz que você concordou em ficar — disse Pearl. — Não consigo imaginar enfrentar isso aqui sem você.

Esther queria responder, mas descobriu que não conseguia olhar diretamente para a mulher diante dela, uma pessoa de quem gostava mais do que gostara de qualquer outra em muito tempo. Sentiu um anseio intenso espalhar-se pelo peito; não era desejo, era algo mais familiar, algo que estava sempre com ela. Ela sentia *saudade* de Pearl, apesar de sua presença. Uma antecipação da falta, como se suas emoções ainda não tivessem se habituado à ideia de que dessa vez era diferente, dessa vez ela ia ficar.

A paranoia do pai tinha começado a sibilar de novo em seu ouvido, mandando-a ir, dizendo que ela estava cometendo um erro abominável e egoísta, que estava colocando Pearl em perigo, e Pearl ainda olhava para ela, o rosto aberto e afetuoso, mas começando a se fechar um pouco diante da falta de resposta de Esther.

— Também estou feliz — disse Esther. Já tinha prática em falar com Pearl e podia confiar no próprio rosto para não trair nada de seu humor melancólico súbito. Viu a outra relaxar com o sorriso. — Venha me pegar depois que se vestir — acrescentou. — Podemos dar uma fortalecida com uma dose de tequila.

Pearl ergueu a mão, cujos longos dedos se envolveram no pé de uma taça imaginária.

— Viva a plateia. Que eles nos amem!

A plateia as amou. Todos os quatro membros da banda levavam os ensaios muito a sério e até conseguiram arranjar figurinos razoáveis para interpretar uma daquelas bandas dos anos oitenta com integrantes de

cabelo comprido – calças jeans pretas e jaquetas de couro. Esther e Pearl ergueram o cabelo bem alto; teria sido mais convincente com spray, mas ninguém na base tinha. O visual deles era legal, o som também, e eram ajudados pelo fato de que, quando conectaram os amplificadores e começaram a tocar, todo mundo já estava a meio caminho de se embriagar e disposto a aplaudir.

Esther era a cantora de apoio e baixista, e sua garganta estava rouca e os dedos doloridos quando elas terminaram “Hell Is For Children” e chegaram ao fim do setlist. A festa era no refeitório, que de dia parecia um daqueles de ensino médio, incluindo mesas compridas de plástico cinza que tinham sido empurradas contra as paredes para abrir espaço. Mesmo sem as lâmpadas fluorescentes no teto ou um conjunto de luzinhas de festa vermelhas e roxas piscando, havia uma evidente atmosfera de ensino fundamental que fazia Esther se sentir jovem e boba de um jeito agradavelmente imaturo. A banda tinha tocado na frente do salão sob uma rede de pisca-pisca brancos, e, quando o set acabou, música pop começou a explodir dos alto-falantes novos que a própria Esther havia instalado nos cantos do salão alguns meses antes.

O grande piso de ladrilhos estava abarrotado de gente circulando, a maioria desconhecida tanto de Esther como uns dos outros, e mais ainda se sentavam na fileira de cadeiras que bloqueavam as portas vaivém atrás do bufê de comida que levavam à cozinha escura de inox. Esther notou que a nova equipe de verão parecia incrivelmente bronzeada e saudável, se comparada com seus colegas antárticamente pálidos. Os novos odores também a sobrecarregavam de tanta variação. Quando alguém morava com as mesmas pessoas, comendo as mesmas comidas, respirando o mesmo ar reciclado, todos começavam a cheirar igual – mesmo para um nariz tão aguçado quanto o de Esther. Aquelas pessoas eram, literalmente, uma lufada de ar fresco.

E uma lufada de alguma outra coisa.

Esther estava no meio de uma conversa com um carpinteiro do Colorado chamado Trev, um homem que Pearl descrevera como “um cara

que se esforça para agradecer”, quando de repente ergueu a cabeça como um cão de caça, as narinas inflando.

— Você passou perfume? — perguntou. Tinha captado algo sob o cheiro de bebida e plástico da festa, algo que a fez lembrar, com um choque, de casa.

— Não — disse Trev, sorrindo divertido enquanto ela se inclinava sem o menor pudor e dava uma fungada no seu pescoço.

— Hmm — grunhiu ela.

— Talvez seja meu desodorante — disse ele. — Cedro. Masculino.

— É gostoso — elogiou ela. — Mas não, eu achei que... bem, deixa pra lá.

Eles estavam mais próximos do que antes, e os olhos simpáticos de Trev tinham se tornado abertamente sedutores, claramente encarando a fungada no pescoço como uma declaração de interesse. Esther recuou um passo. Mesmo se não estivesse comprometida, ele parecia o tipo de homem que tinha muitos equipamentos recreacionais para uso na natureza e que gostaria de ensiná-la a usá-los. No entanto, admirava o jeito controlado como ele movia o corpo; ele a lembrava dos instrutores que conhecera nas academias de artes marciais que frequentara por anos.

Ela abriu a boca para flertar, porque não queria enferrujar, mas então seu nariz sensível captou aquele outro odor, o que a tinha distraído um momento antes. Deus, o que *era*? Ele a mandou de volta à cozinha de sua infância; ela via a geladeira verde arredondada e ineficiente, os arranhões e mossas dos armários de madeira de bordo, a sensação do linóleo empenado sob os pés. Era um legume, mas não era um legume, algo quase apimentado, e tinha um cheiro *fresco*, que não era comum naquelas bandas. Alecrim? Crisântemo? Couve?

Milefólio.

A resposta surgiu na mente, as palavras tombando de volta garganta abaixo após se empoleirarem na ponta da língua. Milefólio, aquileia, mil-folhas, *plumajillo*.

— Licença — disse Esther, dispensando o decoro social, e deu as costas para o carpinteiro confuso. Ela abriu caminho entre um grupo de pessoas

que comparavam tatuagens no cantinho dos cereais e abaixou-se sob as serpentinas azuis que alguém tinha prendido no teto, aparentemente de forma aleatória, puxando o ar rápido pelo nariz. Estava rastreando o aroma inconfundível da erva, o aroma da sua infância, mas mesmo enquanto se empenhava sabia que era inútil. Já era uma lembrança de novo, suplantada pelo aroma de pizza, cerveja e corpos.

Ela parou no meio do salão, cercada por música e desconhecidos conversando, espantada ao perceber a força com que a fragrância atingira seu coração. Será que alguém estava usando como perfume? E, sim, ela queria jogar os braços ao redor da pessoa e enterrar o rosto em sua pele. Em geral, Esther mantinha suas perdas a uma distância segura; não pensava em todas as pessoas que deixara para trás ao longo dos anos, não pensava em nenhum dos lugares que já chamara de lar, e, exceto pelos cartões-postais que enviava à irmã e à madrasta uma vez por mês, não pensava na família. Era uma ação constante e exaustiva, esse não pensar, como manter um músculo flexionado o tempo todo. Mas o aroma de milefólio tinha relaxado aquele músculo rígido, e com o relaxamento veio um parente daquela mesma tristeza que a tinha inundado à porta de Pearl mais cedo.

A própria Pearl estava do outro lado do salão, com o rosto corado e o cabelo volumoso emaranhado como se tivesse acabado de descer da garupa ou da cama de alguém. Estava usando um batom roxo escuro que fazia seus olhos parecerem frutos do bosque, e conversava com uma mulher quase tão alta quanto ela. Esther marchou na direção delas, determinada a fugir daquele humor tão rápido quanto caíra nele.

— Tequila — pediu ela a Pearl.

— Essa é Esther — disse Pearl à mulher com quem estava falando.

— Ela é eletricista. Esther, essa é Abby, da manutenção. Ela morou na Austrália no ano passado!

Abby e Pearl estavam dando risadinhas uma para a outra, alegremente bêbadas. Pearl serviu uma dose para as três e depois uma dose extra para Esther quando ela virou a primeira. Já estava se sentindo melhor,

livrando-se do mal-estar que vinha arranhando a garganta. Ela era uma pessoa feita para o presente, não para o passado. Não podia se dar ao luxo de esquecer isso.

A festa tinha cumprido sua função de começar a erodir o isolamento protetor da equipe invernal, e logo as pessoas começaram a dançar, beber, fazer uma brincadeira estranha que envolvia gritar o nome de pássaros, e beber mais um pouco. Previsivelmente, um cientista vomitou. Pearl e Abby passaram um tempo gritando felizes na cara uma da outra sobre alguém que de alguma forma ambas conheciam de Sydney, alguém que tinha um cachorro muito malcomportado, depois Pearl arrastou Esther para a pista de dança improvisada e envolveu seu corpo comprido e belas pernas ao redor do de Esther, mais curto. A música era grave e pulsante e em pouco tempo as duas estavam se esfregando como se estivessem em uma boate de verdade, não em uma caixinha aquecida em uma vasta extensão de gelo, a muitos milhares de quilômetros de qualquer coisa que pudesse ser chamada de civilização.

Esther afastou o cabelo de Pearl do rosto suado dela e tentou não pensar em sua família ou nos alertas do pai ou nos dias que tinham se passado desde 2 de novembro. Em vez disso, concentrou-se no presente, na batida do baixo e na sensação do corpo de Pearl junto ao dela. Pensou: *Eu queria fazer isso para sempre.*

Mas não existia “para sempre” quando se tratava de corpos, e por fim ela precisou ir ao banheiro urinar.

Em contraste com a barulheira da festa, o banheiro no fim do corredor estava quase sinistramente silencioso quando Esther abriu a porta com força e se atrapalhou com o jeans. O som de urina ecoou alto no vaso de inox e ela conseguia ouvir sua própria respiração bêbada, ofegante de dançar e rouca de falar. A descarga foi um rugido. Na pia, ela enrolou as mangas e parou na frente do espelho. Alisou uma sobrancelha escura com um dedo, bateu os cílios para si mesma, enrolou algumas mechas ao redor do dedo para dar aos cachos murchos mais definição. Então parou. Estreitou os olhos.

Havia uma série de pequenas marcas ao longo do perímetro do espelho, manchas vermelho-amarronzadas sobre o vidro. Eram simétricas, mas não idênticas, uma em cada canto, como se alguém tivesse passado um pincel ou dedão ali. Ela se inclinou para perto, examinando, e umedeceu um pedaço de papel-toalha para esfregá-las. Não adiantou nada, nem quando ela acrescentou sabonete, o coração subindo para a garganta. Tentou arranhar as marcas. Elas ficaram do mesmo jeito.

Ela recuou tão depressa que quase caiu.

Uma pessoa não crescia como Esther sem reconhecer a visão de sangue seco, muito menos um padrão que não podia ser removido, e ninguém podia crescer como ela sem reconhecer o que o padrão de sangue poderia insinuar. O aroma de milefólio voltou, mas, se estava na sua cabeça ou ali no banheiro, ela não tinha certeza.

Sangue. Ervas.

Alguém ali tinha um livro.

Alguém ali estava praticando magia.

— Não — disse Esther em voz alta. Estava bêbada, paranoica, trancada em uma caixa de cimento havia seis meses, e agora estava vendo coisas.

Ela também estava se afastando do espelho, os olhos ainda fixos no próprio rosto aterrorizado, com medo de dar as costas para o vidro. Quando esbarrou na porta do banheiro, girou o corpo e a escancarou, depois correu pelo corredor estreito até a academia. A sala de cárdio estava tão iluminada que parecia zumbir, os equipamentos dispostos em fileiras mecânicas no piso cinza acolchoado e as paredes verdes fazendo tudo parecer doentivamente pálido. Um casal estava se pegando em um dos bancos de supino, e os dois deram gritinhos de susto quando Esther passou correndo por eles e entrou no banheiro branco da academia, onde havia uma única cabine.

As mesmas marcas vermelho-amarronzadas estavam naquele espelho, o mesmo padrão. Também se viam no espelho do banheiro da sala de recreação, e naquele perto do laboratório, e no outro perto da cozinha. Esther andou aos tropeços até seu quarto, com o coração na garganta,



mas graças a Deus seu próprio espelho estava intocado. Provavelmente só os públicos tinham sido marcados – um parco conforto. Ela não podia quebrar todos os espelhos da estação sem chamar atenção para si mesma ou se meter em problemas.

Fechou a porta atrás de si e parou na frente do seu espelho com as mãos no topo da cômoda baixa, apoiando o peso na madeira para poder pensar. Claramente aquilo era algum tipo de magia de espelho, mas ela estava assustada e bêbada demais para lembrar o que isso poderia significar. Um dos livros da família era capaz de transformar um espelho em um tipo de anel de humor, fazendo o vidro refletir as emoções verdadeiras da pessoa por cerca de uma hora, e também havia o espelho da Branca de Neve, que contou à rainha má sobre a mulher mais bela do mundo... Mas esse tipo de magia era só coisa de contos de fadas ou era vida real?

Ela precisava de sobriedade, clareza. Curvou a cabeça e acalmou a respiração. Na cômoda, emoldurado entre as mãos, estava o romance que vinha traduzindo do espanhol para o inglês, e ela encarou sua capa verde familiar, a borda decorada e o rascunho estilizado de uma porta escura sob o título. *La Ruta Nos Aportó Otro Paso Natural*, de Alejandra Gil, 1937. Até onde Esther tinha conseguido descobrir, esse romance era a primeira e a única publicação de Gil – e também a única coisa que Esther possuía que pertencera à sua mãe, Isabel.

Do lado de dentro da capa havia uma anotação em letra cursiva apertada: uma tradução do título na caligrafia perfeita da mãe. “Lembre-se”, a mãe tinha escrito para si mesma em inglês, “o caminho fornece o próximo passo natural.”

A madrastra de Esther, Cecily, lhe dera aquele livro quando ela completara dezoito anos, um dia antes de ela sair de casa para sempre, e na época Esther precisara da tradução. O espanhol deveria ter sido sua língua materna, mas Isabel morrera quando Esther era jovem demais para aprender, sendo, portanto, apenas a língua da mãe. Mas tinha sido o título em espanhol que ela tatuara na clavícula vários meses depois: “la ruta nos

aportó” na direita, “otro paso natural” na esquerda. Um palíndromo, por isso, legível no espelho.

A festa parecia ter acontecido horas antes, embora o suor da dança ainda estivesse secando na pele dela. Esther tinha tirado a roupa até ficar só de regata preta; agora estava tremendo. No espelho, via as palavras da tatuagem ao redor das alças da camiseta. Quando fizera a tatuagem, havia acabado de fugir de casa e da família e se sentia perdida e assustada em um mundo que subitamente não tinha nenhum tipo de estrutura, então a mera sugestão de um caminho, que dirá um próximo passo natural, fora infinitamente tranquilizadora. Mas agora, quando estava se aproximando dos trinta, falava um espanhol excelente e, mais importante, havia lido o romance de fato, ela entendia que o título de Gil não tinha a menor intenção de ser reconfortante. Em vez disso, tratava de um tipo de movimento preordenado, uma trilha socialmente construída que forçava as pessoas, especialmente as mulheres, a dar uma série de passos que foram levadas a acreditar que haviam escolhido para si mesmas.

Ultimamente, as palavras lhe pareciam um grito de guerra: não para seguir o caminho, mas para desviar dele. Na verdade, aquela exata frase a ajudara a tomar a decisão de ignorar as antigas ordens do pai e permanecer na Antártica para a temporada de verão.

Uma decisão da qual agora temia que viesse a se arrepender.

“Vá embora todo ano no dia 2 de novembro”, ele dissera, “senão as pessoas que mataram sua mãe virão atrás de você também. E não só de você, Esther. Elas virão atrás da sua irmã.”

Nos últimos dez anos, ela ouvira e obedecera. Todo 1º de novembro tinha feito as malas, e todo 2 de novembro começara a se afastar, às vezes dirigindo durante todo o longo dia e a noite, às vezes pegando ônibus, aviões e trens, sem dormir. De Vancouver à Cidade do México. De Paris a Berlim. De Minneapolis à Antártica. Todo ano, como uma engrenagem de relógio, exceto esse. Esse ano ela ignorara o alerta dele. Esse ano ela tinha ficado.

E agora era dia 5 de novembro, a estação estava cheia de desconhecidos e um deles trouxera um livro.